

Mais sobre “como quebrou” do que “por que quebrou”

Michael Roberts

Blog: The next recession, 24/08/2018

Adam Tooze esteve em Londres esta semana para apresentar o seu novo livro, *Quebrou – Como uma década de crises financeiras mudou o mundo*¹. (...). Em minha opinião, ele é atualmente o principal historiador econômico radical.

O novo livro de Tooze faz uma encopada contribuição para a história econômica da crise financeira global de 2008-9. Tooze mostra o que aconteceu e como aconteceu; como o grande boom de crédito do início dos anos 2000 levou ao maior desastre financeiro nas economias modernas e à consequente queda na produção capitalista, a mais profunda desde os anos 1930. E conclui que o tratamento dado pelos "poderes existentes", ou seja, por meio de resgates dos bancos e da preservação da riqueza dos ricos à custa do resto, ou seja, de quase nós todos, provocou o surgimento de uma reação populista contra o "capitalismo", seja de esquerda como na Grécia ou na Espanha, seja de direita como Trump, Brexit e a Liga na Itália.

Portanto, o legado desses primeiros dez anos do capitalismo do século 21 ainda está conosco nesta década que está chegando ao seu término. E o que é pior, os problemas subjacentes do aumento da dívida e de um setor financeiro descontrolado ainda não foram resolvidos. Por isso, é bem possível que a crise financeira de 2008-9 possa retornar.

Existiram outras análises bem interessantes da grande quebra financeira antes desta de Tooze. A mais popular foi *The Big Short* de Michael Lewis (a qual foi transformada em filme). Lewis conta a história dos bancos de investimento que vendiam títulos "tóxicos" garantidos por hipotecas aos seus clientes (principalmente outros bancos de investimento e indivíduos ricos, em geral, da Europa) com plena consciência de que eram títulos podres. À medida que a bolha imobiliária começou a desinflar, esses bancos, secretamente, ficaram logo “espertos” (passando, então, a apostar em um colapso iminente). Como Lewis mostra em seu livro, “o banco Goldman Sachs não saiu antes que a casa tivesse pegado fogo; apenas foi o primeiro a atravessar a porta da saída – a qual foi então fechada para os outros que vinham atrás”.

Em meu livro sobre este período, *A Grande Recessão*², em que faço uma apresentação cronológica, mês a mês, da crise entre 2005 a 2010, descrevo como os grandes bancos em particular escaparam completamente das consequências da lambança que fizeram nos mercados, graças ao governo do EUA. De fato, a horrenda

¹ N. T. Tradução tentativa de *Crashed, How a decade of financial crises changed the world*.

² N. T. Tradução de *The great recession*.

história das atividades do Goldman Sachs e de outros bancos de investimento antes, durante e depois da crise de crédito e da Grande Recessão, é quase inacreditável.

Mas o extenso volume de Tooze conseguiu cobrir as crises financeiras significativas dos últimos dez anos com muito mais detalhes do que os livros de Lewis e de mim mesmo – ademais, o seu escopo é global. É pesado como livro, mas isto não implica que seja chato, pois ele apresenta um quadro bem interessante sobre os principais atores e sobre como tomaram as suas decisões. Mostra bem como foi possível que os bancos mais fortes e mais afortunados puderam ganhar às custas dos mais fracos e menores; e como a intervenção do governo forneceu financiamento para os culpados do desastre financeiro às custas das vítimas, isto é, dos trabalhadores, contribuintes e pequenas empresas. Em suma: "socialismo para os ricos e capitalismo para os pobres", eis o verdadeiro conteúdo da "ordem" capitalista atual.

Tooze enfatiza, particularmente, que essa monumental quebra não pode ser vista como um evento norte-americano que se espalhou, por contágio financeiro, para a Europa. O boom de crédito foi igualmente forte na própria Europa. Como ele bem observa, "o fluxo de fundos na Europa, como em toda a economia global, foi impulsionado não pelos fluxos de comércio, mas pela lógica dos negócios bancários, que meramente comparam os custos do financiamento com os retornos esperados". Na verdade, a quebra na Europa começou com a corrida ao BNP, na França, a qual foi logo seguida pela corrida ao banco Northern Rock, na Grã-Bretanha.

Não é surpresa para leitores como eu – conhecedores dos fracassos tanto da economia convencional quanto das autoridades oficiais antes da quebra – que Tooze mostre bem como os poderes competentes não eram de fato nada competentes. Eles não conseguiram ver a crise chegando, negaram que estivesse acontecendo e não conseguiram explicá-la depois que aconteceu. Não cito todas as idiotices ditas e praticadas por tais grandes figuras autocomplacentes antes da crise, assim como elas se surpreenderam estupidamente após de ter ela ocorrido. Tooze faz isso de modo abrangente. Mas há dois exemplos que devem ser recontados.

Em janeiro de 2007, apenas seis meses antes do início da crise global de crédito e do colapso do banco britânico Northern Rock, Gordon Brown, o ministro das Finanças (do Reino Unido), num jantar na cidade de Londres, pouco antes de se tornar primeiro-ministro, falou para os banqueiros. Disse então: "Ao longo dos dez anos em que tive o privilégio de me dirigir a vocês como chanceler, consegui, ano a ano, ir registrando como a cidade de Londres elevou os seus esforços, a sua engenhosidade e a sua criatividade para se tornar líder mundial... foi um período que a história registrará como o início de uma nova era de ouro para a cidade... A Grã-Bretanha precisa do vigor, do engenho e das grandes aspirações que vocês sempre demonstram e que são as marcas do sucesso que sempre obtêm em seus negócios".

Após o colapso financeiro, seguindo pela Grande – e profunda – Recessão, o grande timoneiro e "guru" do boom de crédito precedente, o defensor da "engenharia financeira" dos derivativos, Alan Greenspan, ex-presidente do Federal Reserve, foi chamado ao Congresso dos EUA que, então, investigava as causas do desastre. Ao ser questionado sobre as razões da catástrofe, ele respondeu: "Estou em estado de descrença chocada". No que, então, foi questionado pelo Presidente do Comitê de Supervisão da Câmara, Henry Waxman: "em outras palavras, você descobriu que sua

visão do mundo, sua ideologia não estava correta, não estava funcionando". Eis a sua resposta: "exatamente, precisamente, saiba você que a exata razão pela qual fiquei chocado é porque nos últimos quarenta anos ou mais obtive evidências muito boas de que elas estavam funcionando excepcionalmente bem".

Quando se lê tudo isso, torna-se um pouco surpreendente ver que Tooze parece achar que Alan Greenspan, Larry Summers (ex-secretário do Tesouro) ou Hank Paulson (o chefe do Goldman Sachs que se tornou secretário do Tesouro após a eclosão da crise), assim como outros "atuantes nos jogos desses mercados", como pessoas que fizeram o melhor que podiam, ao invés de vê-los como apoiadores arrogantes da "engenharia financeira" que produzira o acidente. Esses "agentes" parecem melhor em sua visão do que os economistas keynesianos, tais como Paul Krugman, que Tooze também critica corretamente. Eles, como se sabe, consideraram também que o setor financeiro era estável e não funcionaria como catalisador de crise surpreendentes. É claro que, após a queda, Krugman atacou a economia "mainstream" por sua incapacidade de vê-la chegando.

O livro "Quebrou" fornece um relato bem minucioso e muito fascinante do colapso e de suas consequências. Mostra incisivamente o que e como aconteceu, mas, em minha opinião, não mostra adequadamente por que aconteceu. Talvez esta não seja uma empreitada da história econômica, mas é, sim, uma tarefa da economia política. Para Tooze, a causa parece ter sido a desregulamentação do sistema bancário, a ganância financeira e as autoridades incompetentes. Para mim, tudo isto são sintomas ou catalisadores imediatos das crises da economia capitalista, mas não as suas causas subjacentes.

Eis o que disse Martin Wolf em sua resenha do livro "Quebrou": "Mesmo sendo uma história bem completa, contém omissões. Tooze se concentra na ideia de que o crescimento dos balanços do setor financeiro foi a causa da crise. Ele não presta atenção suficiente ao motivo pelo qual os formuladores de políticas quiseram que isso acontecesse". Wolf apresenta, então, a sua explicação causal de um modo keynesiano. "A explicação, como argumentei em meu próprio livro, *Torções e choques*³, vem do excesso de poupança global, assim como dos desequilíbrios macroeconômicos globais. Excedentes externos enormes em alguns países exigiram enormes déficits em outros. Os bancos centrais, para poder atingir as metas macroeconômicas, precisavam do crescimento do crédito".

A explicação de Wolf me parece igualmente inadequada: qual foi a causa desse excesso de poupança global e dos "desequilíbrios" que surgiram nos anos 2000? Na verdade, o excesso de poupança decorreu de uma escassez de investimentos. E a desaceleração do investimento global, particularmente nas economias capitalistas avançadas, foi produzida pela queda da lucratividade, a qual ocorreu de fato a partir do final dos anos 90 – tal como está bem documentado.

Na visão de Tooze, "crises como essas são difíceis de definir ou de prever com antecedência" e, na falta de mais regulação, não há nada que se possa fazer para evitá-las. Sim, enquanto o capitalismo continuar sendo o modo de produção dominante globalmente, isso é praticamente certo. Isso me lembra o que disse Greenspan em seu resumo final da crise: "Duvido que a estabilidade seja alcançável nas economias

³ N. T. Tradução aproximada de *The Shifts and the Shocks*

capitalistas, pois os mercados competitivos são sempre turbulentos; os preços são continuamente atraídos pelo equilíbrio, mas nunca conseguem atingi-lo”. E, nessa toada, prosseguiu: “a menos que haja uma opção social por abandonar os mercados dinâmicos, alavancando de alguma forma o planejamento central, temo que a prevenção de bolhas acabe sendo inviável. Assumir o resultado é tudo o que podemos esperar”.

Tooze é pessimista sobre o futuro. De uma perspectiva econômica, ele enxerga uma quebra no futuro, provavelmente se originando de uma crise na China endividada. Na minha opinião, é mais provável que ela ocorra no coração do capitalismo, isto é, no setor corporativo dos EUA e da Europa.

Politicamente, ele adverte que o colapso de 2008, assim como a resposta que lhe deu as classes dominantes criaram as condições para uma “democracia iliberal”. Cresceu a partir dela – argumenta – o sucesso do *Tea Party*, assim como da extrema-direita americana. E agora temos Donald Trump, Putin, Brexit, Erdogan e a ascensão da extrema direita na Europa.

Mas tais “populismos” – eis como são chamados esses movimentos sociais pelos economistas do *mainstream* – também teve uma virada à esquerda com o *Syriza* (pelo menos até a crise chegar); com os grupos radicais na Espanha (*Podemos*) e em outras partes da Europa, bem como com Jeremy Corbyn no Reino Unido. Assim, portanto, a oposição às principais soluções capitalistas para a “Quebra” – tais como os salvamentos dos bancos, a austeridade e a reafirmação do livre mercado, isto é, o “business as usual” – não veio somente da direita nacionalista reacionária.